



Associação Comunitária do Mainã

Associação dos Moradores e Amigos da Comunidade Rural de Jatuarana



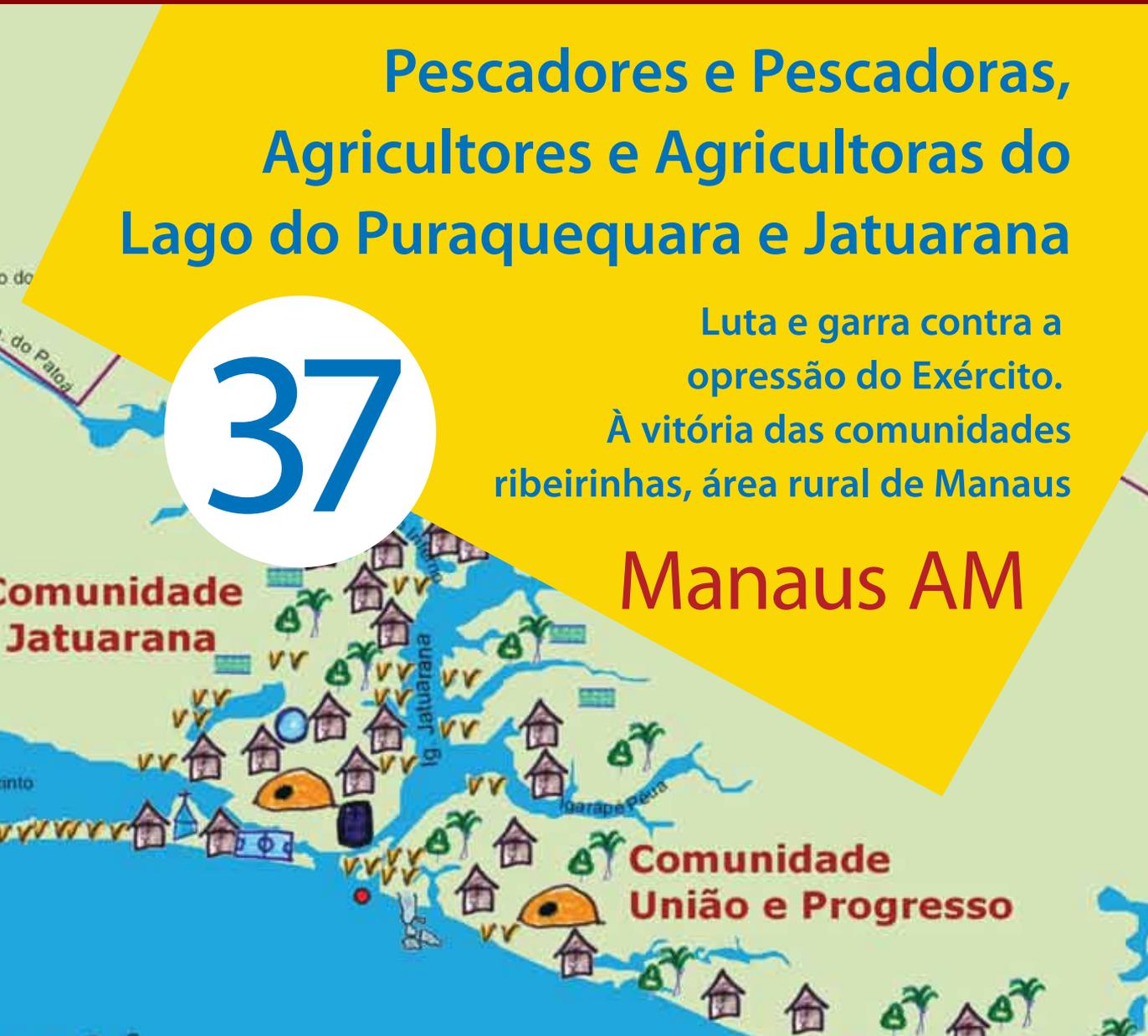
Nova cartografia social da Amazônia

Pescadores e Pescadoras,
Agricultores e Agricultoras do
Lago do Puraquequara e Jatuarana

37

Luta e garra contra a
opressão do Exército.
À vitória das comunidades
ribeirinhas, área rural de Manaus

Manaus AM



Comunidade
Jatuarana

The map shows a river system with several communities. 'Comunidade Jatuarana' is on the left, 'Comunidade União e Progresso' is on the right, and 'Lago do Puraquequara' is at the top. The map is decorated with hand-drawn houses, palm trees, and other symbols. A yellow triangle is overlaid on the right side of the map.

Comunidade
União e Progresso

ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA DO MAINÃ

Presidente Francisco da Silva

ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES E AMIGOS DA COMUNIDADE RURAL DE JATUARANA

Presidente Doramir Viana da Cunha.



Participantes da oficina de Mapas realizada na comunidade São Francisco do Tabocal nos dias 10 e 11 de Julho de 2010. Comunidade do Mainã: Francisco Mateus da Silva, Carlos Augusto Campos, Valdir Mateus da Silva, Linete Farias da Silva, Raimundo Mateus da Silva, Doramir Viana da Cunha, Doramir Viana da Cunha, Wilson Gomes, Genilza Gomes Ferreira de Oliveira. Comunidade São Francisco Tabocal: José Monteiro Correa, Antonia Dias da Silva, Edson Carvalho, Tereza Araújo, Maria Julia do Nascimento, Manoel Gomes Pinheiro, Nilson Pereira, Gilson do Nascimento, Maria Pereira de Souza, Carlos Bernardo de Araújo, Pedro da Silva, Raimundo da Silva, José Augusto da Silva, Eloy Paes, Raimunda Pinheiro, Rosimar Barros. Comunidade São Raimundo: Joaquim



Participantes da oficina de Mapas realizada na comunidade do Mainã no dia 17 de maio de 2011: Comunidade Mainã - Valdir Mateus da Silva, Sérgio Mateus da Silva, Marcos Bento da Silva, Marcelo Mateus da Silva, Raimunda da Silva Leite, Vanuza Mateus Leal, Francisco Mateus da Silva, Raimundo Brasil, Mário Lopes Leite, Raimundo Farias Brasil, Raimundo Mateus da Silva, Carlos Augusto da Silva Campos, Silvia Farias da Silva, Linete Farias da Silva, Joany da Silva Leite, Fernanda Neves Mateus, Joalice da Silva Leite Andrade. Comunidade Jatuarana: Wilson Gomes, Narciso Nunes Ferreira, Erivane da Silva, Nerimar Cunha, Aldeneide Ferreira de Lima, Ozéias Bragança da Silva, João Alves Rocha, João Batista de Oliveira, Daniel Neves da Silva, João Vergulino

Coordenação do PNCSA

Alfredo Wagner Berno de Almeida
(PNCSA-CESTU-UEA/PPGAS-UFAM/CNPq)

Equipe de pesquisa

Érika Matsuno Nakazono (PNCAA-CESTU/UEA)
Elieyd Sousa de Menezes (PNCSA-PPGAS-UFAM)
Auriédia Marques (CPT)
Marta Valéria da Cunha (CPT)
Marcos Brito (Cáritas-Manaus)
Luís Augusto Lima (PNCAA-CESTU-UEA)
Altaci Corra Rubim (PNCAA-UEA)
Clayton Rodrigues (PNCAA-CESTU-UEA)

Edição

Elieyd Sousa de Menezes (PNCSA-PPGAS-UFAM)
Érika Matsuno Nakazono (PNCAA-CESTU/UEA)
Clayton Rodrigues (PNCAA-CESTU-UEA)

Cartografia

Luís Augusto Pereira Lima (PNCAA-CESTU/UEA)

Fotografias

Antonio João Castrillon (PNCSA)

Equipe levantamento de GPS

COMUNIDADE JATUARANA Doraci Viana da Cunha, Dorimar Amaral da Cunha, Josenildo Rodrigues, Márcio Rodrigues da Cunha, Iomar Tinoco, Lourenço Pereira, Pedro Pereira, Wilson Gomes, Doramir Viana da Cunha
COMUNIDADE DO MAINÃ Carlos Augusto da Silva Campos, Valdir Mateus da Silva, Raimundo Mateus Silva, Erfrany Leal

Projeto gráfico

design [casa 8]

N935 Nova Cartografia Social da Amazônia: pescadores e pescadoras, agricultores e agricultoras do Lago do Puraquequara e Jatuarana – Luta e garra contra a opressão do exército à vitória das comunidades ribeirinhas, área rural de Manaus – AM, margem esquerda do Rio Amazonas / Coordenador: Alfredo Wagner Berno de Almeida / Organizadores: Érika Matsuno Nakazono (Orgs.)...[et al]. – Manaus : Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia / UEA Edições, 2011.

12 p. : il. ; 25 cm. – (Movimentos Sociais Identidade Coletiva e Conflitos; 37)

ISBN: 978-85-7883-192-9

1. Conflitos Sociais – Comunidades Tradicionais – Puraquequara – Manaus (AM) I. Almeida, Alfredo Wagner Berno de. II. Nakazono, Érika Matsuno III. Série.

CDU 301.185.2 : 316.48(811.3)



Lago do Puraquequara, área rural de Manaus

“Existimos por aqui”

Meu nome é Mario Lopes Leite, eu nasci em 1946 no Jatuarana, lá me criei e em 1982 constitui família aqui, os meus pais são filhos de Jatuarana, nasceram e se criaram lá, meus avós também nasceram no Jatuarana, só o meu avô português que veio pra cá com 18 anos e morreu com oitenta anos. **Mario Lopes Leite**, comunidade Jatuarana

A minha história é: sou filho de família muito humilde, meu avô por parte de pai era cearense, minha avó mato-grossense e deu uma mistura, aí meu pai... é... os meus avós vieram do rio Madeira, trabalhavam pra lá, depois vieram para o Puraquequara, aí meu pai veio muito jovem de lá na faixa de 18 anos, chegou aqui encontrou a minha mãe, amazonense daqui do Puraquequara mesmo e se casou. Aí somos 10 irmãos vivos, nós éramos 12, mas hoje nós somos 10 morreram dois e me casei, tenho 27 anos de casado, tenho quatro filhos e comecei trabalhando na agricultura, depois fomos impedidos de trabalhar na agricultura através do Exército e hoje eu sou pescador profissional, sou cadastrado na colônia Z-12 tudo titulado no serviço de pescaria, porque praticamente na área de agricultura a gente está impedido de fazer e a luta da gente continua e como líder tenho buscado o de melhor para a comunidade. **Sr. Francisco da Silva**, comunidade do Mainã

Vim do Juruá com 2 anos, estou com 52 anos de idade hoje, vivo a minha vida inteira aqui, tenho a minha família, tenho os meus filhos, tenho sete filhos, onze netos, a gente vive de agricultura, de pescaria, aqui eu trabalho de pedreiro também, entendo um pouco de pedreiro, e nós dependemos muito desta área de terra da comunidade de São Raimundo. Quando meus pais desde o tempo em que vieram do rio Juruá, também que moram aí, o papai não mora porque já morreu, mas a minha mãe está aí. **Sr. Pedro Rodrigues**, Comunidade do São Raimundo

Eu moro aqui nesse lugar desde 1955, eu tinha 15 anos de idade, eu tenho 69 vou completar 70, eu completo agora dia 16 de agosto, criei irmã, se casaram, eu casei, construí minha família, eu existo por aqui! **Sr. Joaquim da Silva**, Comunidade de São Francisco

Em 1953 eu estava com meus cinco anos e lá nas nossas terras tinha um posto de lenha onde os navios que vinham do Pará, vinham abastecer-se de lenha até chegar até o rio Acre, e lá eu ainda lembro que eu tinha cinco anos e eu via que o navio chegava e levava aquelas pessoas onde o meu pai dizia que aquele povo eram os escravos que ia distribuir nos altos seringais no Acre, Juruá, então de lá pra cá as nossas terras com a enchente de 1953 ela foi muito habitada, por quê? Porque vinha um povo lá de Eirunepé, Tauaracá, Cauari, então muitas famílias vieram e povoaram o nosso lugar, então quando acabou esse posto de lenha nós fomos trabalhar em farinha, as famílias produziam seguramente duzentos sacos de farinha por semana. Com a chegada do Exército em 1966 que começaram a visitar o lugar, em 1970 houve a doação das terras para a União e esse povo foi ficando num lugar restrito de trabalho, foram pressionados a não trabalhar, não derrubar, não desmatar e hoje nós nos encontramos com 93 famílias na nossa

comunidade, então acontece que nós sofremos com problemas de abastecimento de alimentos para nós porque nós não podemos produzir, porque trabalhamos em terras com limites. Sr. Doramir Cunha, comunidade do Jatuarana

Os Conflitos Sociais

Tudo o que a gente tem aqui nós herdamos dos nossos pais. Nós temos uma história, o Puraquequara tem uma história contada que quase não dá muito pra acreditar, porque em 1964 quando governava o Plínio Ramos Coelho, o Puraquequara se tornou um campo de trabalho muito grande, até mandou fazer a estrada do Puraquequara, aí criou uma sub-prefeitura e nomeou um prefeito e hoje onde a comunidade está situada era pra ser a vila do Puraquequara, aí foi quando entrou a ditadura militar. Em 1970 houve a doação da área para o Centro de Instrução de Guerra na Selva que é o CIGS hoje para treinamento militar, só que nem o Exército, nem o governo e a própria comunidade também, todo mundo se acomodou. Nós se acomodamos porque não procuramos os nossos direitos, de legalização ou então de sair da área com algum benefício, o Exército porque permitiu que todo esse povo continuasse nessa área e o governo porque doou uma área onde já existiam várias comunidades, que hoje são 18, quer dizer essas comunidades já existiam há muito tempo, antes do Exército e o governo fez essa doação, sem o mínimo de responsabilidade para com os moradores que vivem nessa região. Então é uma história muito chata pra gente que convive nessa situação, é muito chato assim porque a gente tem uma vida toda, temos uma história e a gente se vê assim, de uma hora pra outra perder tudo, é muito difícil. Sr. Francisco da Silva, comunidade do Mainã

Uma demarcação ilegal do INCRA que o INCRA não tem autoridade pra dar terra titulada de

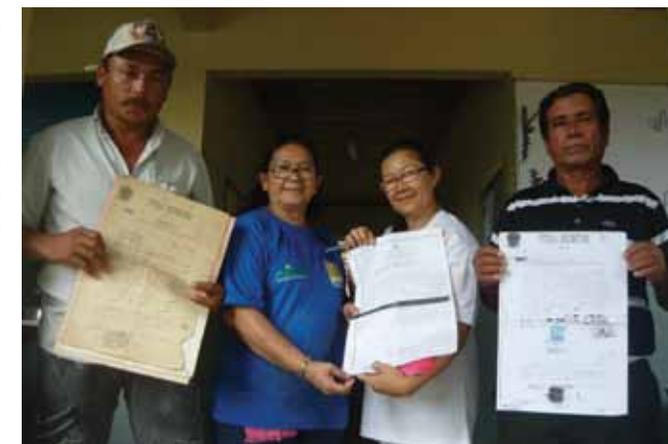


Marcos de cimento e de ferro que delimitam áreas do exército

ninguém! Então até a quinta reunião o Exército tava gritando que tudo era dele, e nós éramos invasores que nós não tínhamos terra, e eu tenho documento provando pro General que realmente nós não somos invasores, quem foram os invasores foram eles! Ele então queria que eu provasse pra ele, por que eu digo isso? Porque foi doada, olha aqui, Diário Oficial de 1970, o que ta dizendo aqui? Governador do Estado do Amazonas, Danilo de Matos Areosa, doa 40 km de terra devoluta, coberta por floresta. Doa pra União! Muito bem! Então se trata de terra devoluta, não são terras tituladas, não são terras que têm casa, sítio, fazendas, como têm, vejam bem, então existe um limite. É 5 mil metros da beira do rio, pro centro que passa o pique do Exército, é a área que o Governo doou pra ele, mas o que que aconteceu? Em 1997 o Exército achando que queria ser dono pega o INCRA e demarca toda a beira do rio, do Puraquequara até a boca do Paraná da Eva pra eles e daí começou a briga contra nós, querendo dizer que nós éramos invasores, fazendo instruções em nossas portas, e tirando os nossos direitos. Sr. Doramir Cunha, comunidade do Jatuarana

“Luz para Todos”

Foi a partir do ano passado que todas as comunidades queriam ser contempladas com o “Luz para Todos” que é um sonho de todo povo de ser contemplado com energia elétrica, fui na Manaus Energia, conversei com todas as pessoas responsáveis pelo Programa e fomos buscando conhecimento, até cheguei num ponto em que poderia ser executado o Programa na comunidade, o Projeto do Programa Luz para Todos na comunidade e o quê que acontece? Acontece que nós fomos nos deparar no mês de agosto até novembro e além deles, vetarem o projeto da Energia ainda queriam nos tirar das comunidades, tirar toda a comunidade da área que eles (o Exército) diziam e dizem ser deles. Sr. Francisco da Silva, comunidade do Mainã



Moradores da Comunidade do Jatuarana com seus títulos definitivos de 1903

Meu nome é Maria José, sou da comunidade do Jatuarana, tudo começou essa guerra com o Exército foi por causa do “Luz para Todos” a gente questionou o problema da luz na comunidade e o general gritou bem alto que selva não tem luz, que selva não pode ter luz, mas a gente fica se perguntando se selva não tem luz, porque nas bases deles, que eles dizem que está na selva, tem luz dia e noite. E não é luz para todos, é luz que vem de combustível através de um gerador que dá muitas despesas, e a “Luz para Todos” seria um benefício até mesmo para as próprias bases eles estão impedindo. Sra. Maria José Amaral, Comunidade Jatuarana

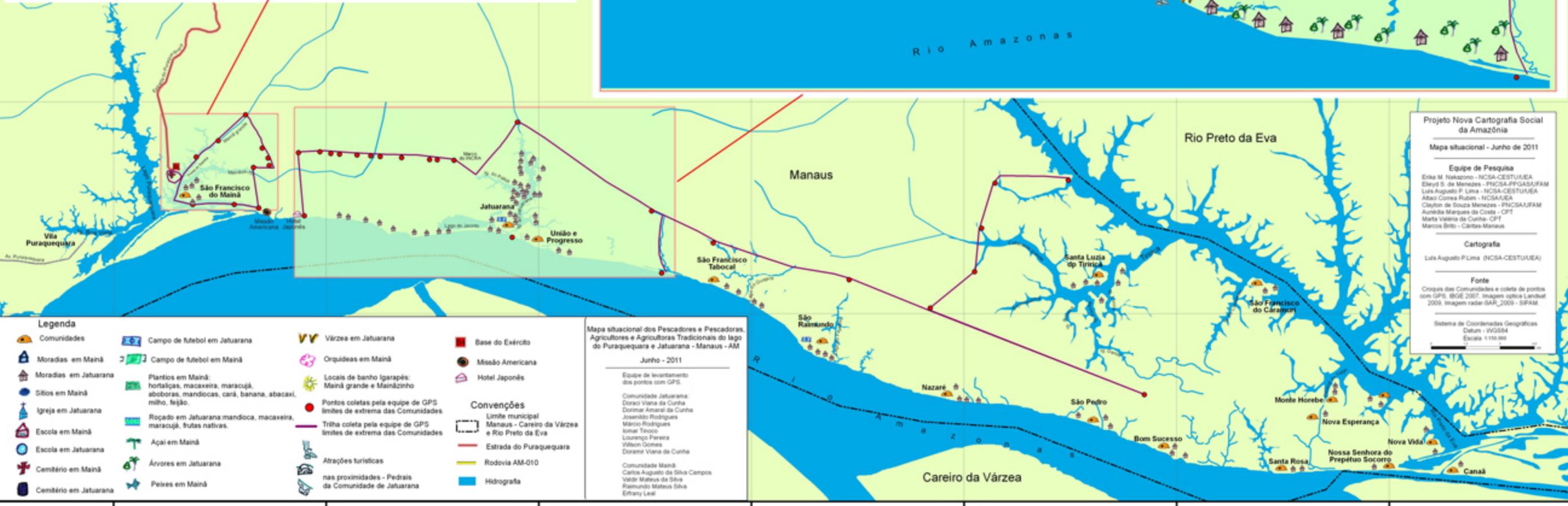
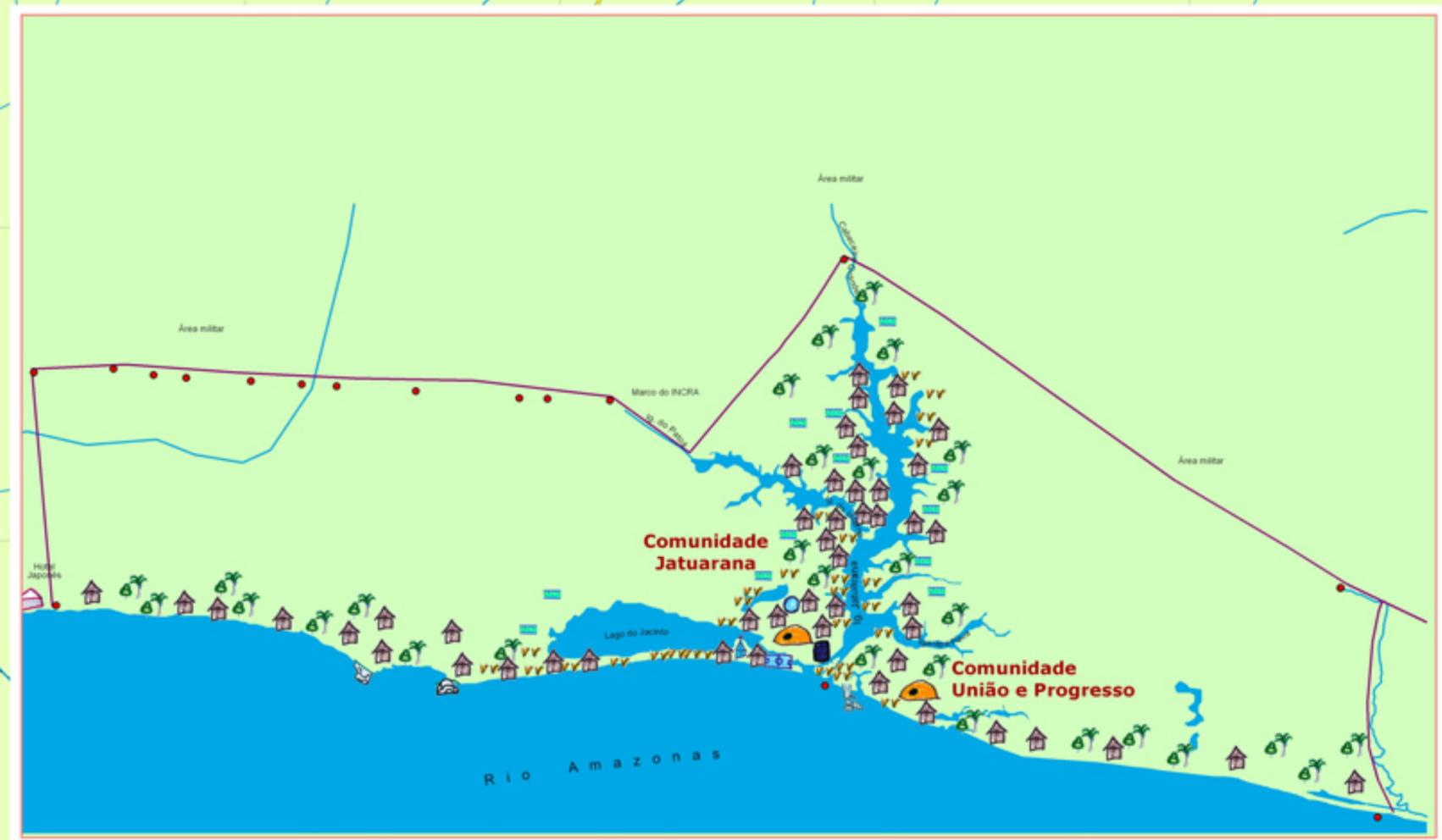
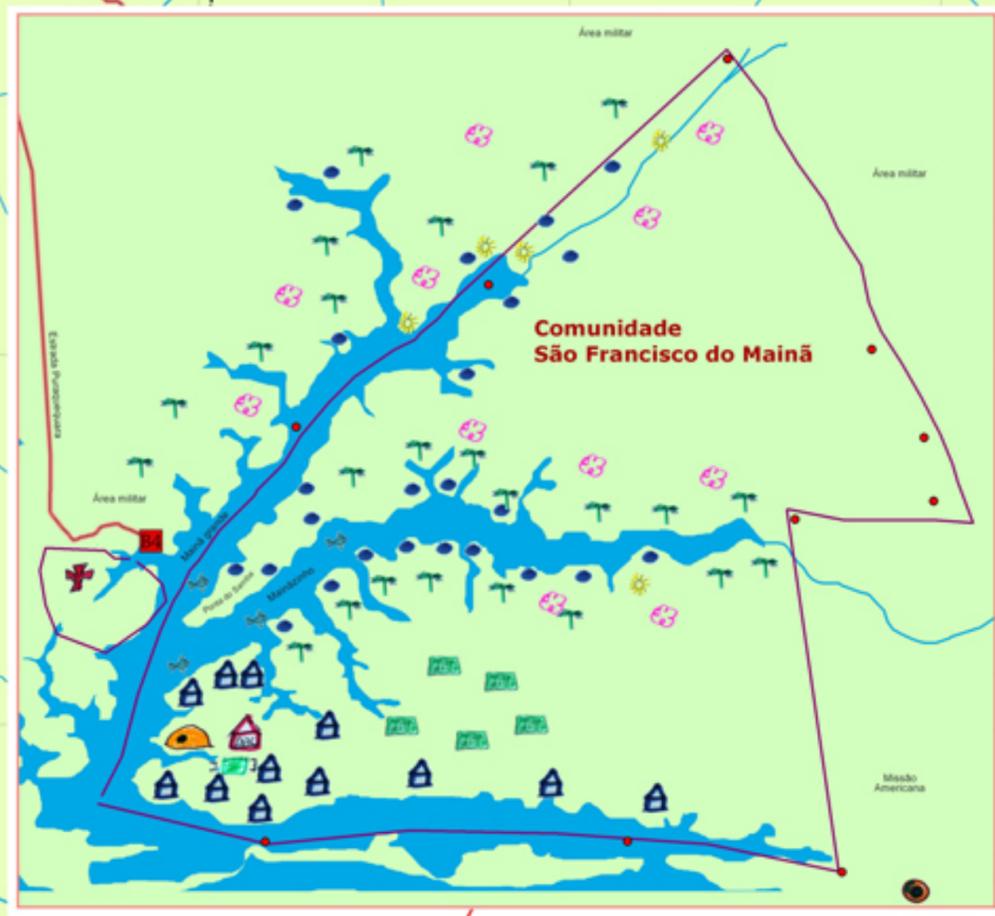
“Os Treinamentos”

O Puraquequara tinha no mínimo umas 150 famílias. Só que aí o pessoal devido a pressão do Exército, não está acostumado com aqueles treinamentos pesados, de tiro, de bomba, de



Porto do Puraquequara

Pescadores e Pescadoras, Agricultores e Agricultoras Tradicionais do Lago do Puraquequara e Jatuarana - Manaus - AM



Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia
 Mapa situacional - Junho de 2011

Equipe de Pesquisa
 Erika M. Nakazono - NCSA-CESTUAUEA
 Elvayr S. de Menezes - FNCSA-PFGASUFAM
 Luís Augusto P. Lima - NCSA-CESTUAUEA
 Alvaro Correa Rubin - NCSA/UEA
 Clayton de Souza Menezes - FNCSA/UFAM
 Aurélio Marques da Costa - CPT
 Marta Valéria de Cunha - CPT
 Marcos Brito - Caritas-Manaus

Cartografia
 Luís Augusto P. Lima (NCSA-CESTUAUEA)

Fonte
 Croquis das Comunidades e coleta de pontos com GPS. IBGE 2007. Imagem satélite Landsat 2009. Imagem radar-SAR_2009 - SPAM.

Sistema de Coordenadas Geográficas
 Datum - WGS84
 Escala 1:100.000

- Legenda**
- | | | | |
|------------------------|--|---|--|
| Comunidades | Campo de futebol em Jatuarana | Várzea em Jatuarana | Base do Exército |
| Moradas em Mainá | Campo de futebol em Mainá | Orquídeas em Mainá | Missão Americana |
| Moradas em Jatuarana | Plantios em Mainá: hortaliças, macaxeira, maracujá, aboboras, mandiocas, cará, banana, abacaxi, milho, feijão. | Locais de banho igarapés: Mainá grande e Mainázeño | Pontos coletas pela equipe de GPS limites de extrema das Comunidades |
| Sítios em Mainá | Roçado em Jatuarana: mandioca, macaxeira, maracujá, frutas nativas. | Trilha coleta pela equipe de GPS limites de extrema das Comunidades | Limite municipal Manaus - Careiro da Várzea e Rio Preto da Eva |
| Igreja em Jatuarana | Açai em Mainá | Estrada do Puraquequara | Rodovia AM-010 |
| Escola em Mainá | Árvores em Jatuarana | Hidrografia | |
| Escola em Jatuarana | Peixes em Mainá | | |
| Cemitério em Mainá | Atrações turísticas nas proximidades - Pedrais da Comunidade de Jatuarana | | |
| Cemitério em Jatuarana | | | |

Mapa situacional dos Pescadores e Pescadoras, Agricultores e Agricultoras Tradicionais do lago do Puraquequara e Jatuarana - Manaus - AM

Junho - 2011

Equipe de levantamento dos pontos com GPS:

Comunidade Jatuarana:
 Doraci Viana da Cunha
 Doraiz Ananias da Cunha
 Joséildo Rodrigues
 Marco Rodrigues
 Ismar Teófilo
 Lourenço Pereira
 Wilson Gomes
 Doracir Viana da Cunha

Comunidade Mainá:
 Carlos Augusto da Silva Campos
 Valdeir Mateus da Silva
 Raimundo Mateus Silva
 Effrany Leal

metralhadora, de avião aéreo, de treinamento aéreo, aí o povo ficou com medo e foram praticamente todo mundo embora, só aquelas famílias que ficaram ali, praticamente a gente que nós ficamos lá, resistimos. Os treinamentos são alguns períodos do ano, não é todo mês não, mas o pesado mesmo são os cursos que eles trabalham realmente com balas reais. Eles agora tem mais cuidado, eu acho que é por isso que eles estão criando essa barreira que a gente não tem mais acesso a essas localidades onde essas instruções são feitas assim com artilharia pesada. O Puraquequara hoje se tornou uma hidrovia e esses treinamentos que eles fazem colocam em risco todos esses usuários que entram no Puraquequara, que o Puraquequara tem a vila que já é um porto de embarque e desembarque, turismo, tem dois matadouros de bois, tem dois hotéis. O Puraquequara está praticamente dentro da cidade. Sr. Francisco da Silva, comunidade do Mainã



Placa de identificação do Exército próximo à Comunidade do Mainã

É muito arriscado eles passam durante a noite, muitas vezes a gente estava dormindo se acordava com aquele barulho daquela instrução deles, a instrução deles de barco, remando de mão, era a noite todinha, a gente escutava eles gritando pelos soldados que estavam desmaiando e a outra equipe já ia na frente e não podiam perder e aí veio até tiro mesmo saem atirando e fica perigoso, fica perigoso eles estarem na beira de um rio desses com arma, muitas vezes a gente está na beira de um rio desses muitas vezes pescando pra comer de noite porque de dia não conseguiu pegar e fica arriscado pra gente também. Sr. Pedro Rodrigues, Comunidade do São Raimundo

A gente vê passar barcos cheios para dentro daqui para acolá, botaram uma bomba lá no ramal, aí um sobrinho meu pegou, não sabia o que era, meninozinho novo, a bomba estourou na mão dele que matou o pobrezinho, novo ele, 16 anos. Sr. Tereza Araújo, comunidade São Francisco do Tabocal

“Conflitos ambientais”

Eles dizem que são os preservadores, mas eu acredito que quem preserva não destrói, eles colocavam sempre naquelas placas e dizia assim: “campo de instrução de guerra na selva” e dizia assim: “preserve”. E nós começamos a bater de frente com eles: “como é que vocês colocam ‘preservação’? é jogando bomba que se preserva? É derrubando a mata com tiro, com bala real? Como é que agente pode passar uma coisa dessas para as pessoas se vocês estão se auto-destruindo? Estão destruindo a floresta, estão destruindo a mata, estão jogando bomba nos rios” e hoje eles mudaram, eles só dizem “campo de treinamento” nas placas deles hoje é ala de instrução, área militar, o “preserve” eles tiraram. Os alvos que eles usam é a selva, uma árvore, tanto que lá onde eles fazem instrução a mata está toda torada de bala, de bomba, de tudo, porque eles atiram com artilharia pesada, atiram até por via aéreo também, eles fazem sincronia, e muitas das vezes as bombas caem até dentro d’água, mata peixe, essas coisas, várias vezes já aconteceu isso. Sr. Francisco da Silva, comunidade do Mainã



A roça

Lá no Jatuarana tem uma base do Exército e lá atrás tem uma área que é pra ser ampliado o nosso cemitério, eles estão usando como depósito de lixo, e eles não estão enterrando o lixo, ele descoberto, se quiser ir lá tirar foto pode ir. Dorimar Amaral da Cunha, Comunidade Jatuarana

Aconteceu um fato aqui, real da nossa vida, eles (Exército) trouxeram umas bombas da fronteira não sei de onde, e trouxeram pra detonar aqui dentro, então essa bomba fez um buraco maior do que essa sala, lá onde a gente trabalhava, lá tinha tucumanzal, tinha tudo o que a gente aproveitava, hoje em dia só tem saúva (formiga), acabou tudo lá, essa bomba que eles trouxeram de lá e detonaram aí, isso eles fazem de vez em quando, então como eles dizem que eles são os preservadores? Eles não são preservadores, eles estão destruindo, inclusive as nossas plantações. Mario Lopes Leite, comunidade do Jatuarana

Uma vez que eles vieram e reuniram lá em casa, veio um general que pousou de helicóptero lá em casa, me levaram lá pra debaixo das árvores, ele me perguntou: “o que os soldados tanto lhe perturbam aqui?” e eu falei pra ele que eles invadem as nossas casas, é tiro de artifício, é tiro de fuzil, é boi querendo cair na água, é cavalo, é carneiro, sabe o que ele falou pra mim? Ele disse: “olha, isso aí nunca vai acabar, daqui mais uns dias é tiro de canhão”. Sr. Doramir Cunha, comunidade do Jatuarana

“As restrições do uso dos recursos naturais”

Hoje nós ficamos nesse vai e vem, não decide nada, prejudica caçar e pescar, proíbe a pescaria como se fosse viveiro dos militares e não é! É da natureza! Se começarem a proibir, como procurar o que comer? É errado! Todo mundo tem fome! Aí hoje que é pra colocar um hectare de roça, não pode! Não pode fazer dois sacos de carvão e levar pra vender lá na escadaria pra interar o dinheiro do rancho porque o IBAMA toma! Ele não pode caçar, ele não pode pescar! Ele não pode tirar madeira, ele não pode fazer nada! a gente vai viver como? Nilson Pereira, C. São Francisco

Nós temos uma área lá que o Mainã e o Mainãzinho era de onde a comunidade tirava sua subsistência, como lá, olha, tem o açaí, tem abacaba, patoá, buriti, tem os uxis, que tem duas qualidades de uxi, o uxi coroinha e o o uxi amarelo que chamam, a gente chama de uxi liso, que ele é uma frutinha assim bem... só que ele é todo... em alguns lugares chamam de uxi amarelo, e várias outras coisas que a gente tirava da natureza, como o próprio peixe que pescavam, e agora com a entrada desse novo comandante ele impediu, proibiu de que os comunitários usufruisse de todas essas coisas que eram costumados a fazer, querendo que a gente assine um documento, um termo de responsabilidade e dá plenos poderes ao Exército se ele quiser dá um tiro em qualquer um comunitário fica por isso mesmo. Então isso é uma situação chata, porque a gente sempre trabalhou, sempre pescou, sempre viveu, tem uma vida, tem uma história tudo ali dentro e hoje nós estamos impedido de exercer esse trabalho do qual a gente tem uma necessidade muito grande. Sr. Francisco da Silva, comunidade do Mainã

Eu tenho terreno aqui, no Tabocal no seu Geraldo, comprei dele, mas é que a gente não pode, não consegue colocar um roçado, aí eu me desgostei, eu sou mãe de dez filhos, e esses dez filhos tão tudo aqui, lutando que nem um cachorro que nós temos, leva pra lá traz pra cá, botar roçado não pode! Cortar um pau não pode, tirar um esteio pra fazer um galinheiro não pode também! Como que a gente vai viver? Sem poder trabalhar... sem poder cultivar a terra né!? Não pode não, a gente vai morrer de fome! Quem ganha um salário como eu, o que eu vou fazer? Eu queria que tivesse, que a gente pudesse trabalhar, e eu gosto de trabalhar! Eu tenho dez filhos!

Fora os netos, são oitenta netos eu tenho, tudo trabalhando aqui! Fora os bisnetos, aí eu me desgostei, eu não quis mais vim pra cá, eu não posso trabalhar, não posso tirar um pau pra fazer uma casa nem nada, é proibido, o Exército não deixa né!? **Sr. Tereza Araújo**, comunidade São Francisco do Tabocal

“O deslocamento compulsório”

Eles chegaram a dizer que o pessoal desse beiradão ia sair todos e eles iam jogar lá pra dentro do Tiririca, pra uma área do Tiririca lá pra banda do rio Preto. Como é que o pessoal ia sobreviver numa área dessas lá pra dentro da mata, ir andando meio dia de viagem pra chegar na localidade a pé, isso é quem tem saúde que pode andar e quem não tem? Fica difícil, mas que eles chegaram a ameaçar de tirar todo mundo e jogar pra lá e jogar outra turma que não desse pra jogar tudo no Tiririca, dizem que iam jogar no rio Negro. **Sr. Pedro Rodrigues**, Comunidade do São Raimundo

Teve uma notícia que correu que nós íamos sair daqui, nós íamos lá para o rio Cuieiras, que foi aquele dilema medonho, foi uma agonia mais triste do mundo, todo mundo aqui ficando agoniado e preocupado. **Sr. Joaquim da Silva**, Comunidade de São Francisco

As minhas crianças estão com trauma do Exército, quando a lancha pára elas ficam tudo nervosas, porque agora recente eles (o Exército) foram lá e interditaram a minha área de novo, depois desse documento eu tive uma reunião com o general e o coronel, e ele me deu uma autorização, quando foi agora com a troca do novo comandante, ele foi lá e botou outro ofício de novo, e agora eu já perdi a cabeça, já são doze anos sendo perturbado, são anos de luta por nossos direitos. **Wilson Gomes**, Comunidade Jatuarana

Por que a Cartografia Social?

Nós estamos trabalhando aqui nessa cartografia para provar ao Comando Militar que as terras que nós estamos são nossas, não somos invasores como eles nos chamam. **Sr. Doramir Cunha**, comunidade do Jatuarana

Eu acho que isso é um trabalho muito bom, porque nós estamos identificando a nossa... o lugar onde nós vivemos, porque para a sociedade, para as autoridades, a gente... muita vezes nós não somos nem reconhecidos, não sabem nem que nós existimos, e aí o quê que vai ficar? A comunidade como um todo vai ficar registrado, eu acho que é mais uma identidade aqui pra nossa comunidade, assim como uma marca: aquela comunidade existe, está aqui no mapa, somos moradores, somos brasileiros, somos cidadãos, e que merece o respeito da sociedade, dos governantes e das autoridades. **Sr. Francisco da Silva**, comunidade do Mainã

Por exemplo, um mapa desses naquela região do Puraquequara, discussão sobre moradores que tem título e não constava no mapa. Aqui o que nós estamos fazendo hoje, esse trabalho de cartografia, é documentar aonde nós moramos, aonde nós trabalhamos, aonde nós existimos, por exemplo, essa aqui vai documentar toda essa área, e mostrar pro Exército, pro INCRA e pro ITEAM, que nós existimos! Mas essa cartografia que a gente hoje vai trabalhar, ela vai dizer pra todo



Instrução do G.P.S.



Oficina de mapas – Raspando mandioca comunidade São Francisco do Tabocal



Discussão dos mapas na oficina

o Brasil, que nós existimos, que nós vivemos, moramos aqui há tantos anos, que vivemos, que vieram nossos avós, nossos pais, agora tem os nossos filhos. **Sr. Doramir Cunha**, comunidade do Jatuarana

Pra mim eu acho que esse mapa, a importância dele é muito boa porque eu acho que vai aparecer outro mapa que o Amazonas ou o Brasil podia não estar vendo nessa área, que eles (Exército) fizeram aquele mapa deles que não existe ninguém na área e através desse mapa eu acho que vai ser muito bom pra população que mora, que é ribeirinho, que o governo vai ter mais conhecimento que ele já tem, que quando eles querem se candidatar pra uma eleição são eles que procuram a população eles sabem, nessas horas eles estão sabendo que eles vem de comunidade de comunidade eles estão sabendo que existe. Eles também são autoridade, eles pegam, eles vêem um mapa desses que o Exército fez só com a área verde sem população eu acho que é uma coisa muito errada e através desse nosso que está sendo feito espero que as coisas melhorem pra nós ribeirinhos dessa área toda do Puraquequara. **Sr. Pedro Rodrigues**, Comunidade do São Raimundo

“Guerra dos mapas”

Olha só esse mapa é do ITEAM, esse mapa é fornecido pelo ITEAM, só pra vocês terem uma idéia aqui que não está mostrando nada! Só tem esses numerinhos aqui ó! O que está indicando são os terrenos titulados, e vê se confere aqui, nem todos estão aqui os que são titulados! Todas essas outras áreas são do Exército! Cor verde – é do Exército, Rosa – gleba da União, mapa defasado! **Sr. Doramir Cunha**, comunidade do Jatuarana

Eu acho que não é certo o que eles estão fazendo, eles deviam desenhar o mapa do jeito que eles vêem eles, do jeito que eles fazem os treinamentos deles aqui na área pelo rio, pra eles verem de que jeito é, aí eles fazem um mapa deles só com a mata verde e o rio aí do lado, não existe ninguém com se estivesse tudo abandonado e não é bem assim. Tem muitas pessoas aqui que já chegaram aqui novo e já morreram de velhinhos com 90, 80 ou oitenta e poucos anos e os filhos continuam, já estão tudo ficando velhinho também. **Sr. Pedro Rodrigues**, Comunidade do São Raimundo

Reivindicações

Essa área aqui toda vida foi esquecida! A lembrança que vem agora é o Exército querer expulsar todo mundo! E nós não somos nenhum estrangeiro aqui, ninguém é invasor não! Nós nascemos e nos criamos aqui! Ali no Japonês ali não é Brasil não é Japão, por quê? Por que pagou! É deles! Os americanos também e nós nascemos e nos criamos e nós não temos o direito de morar e ser expulsos, mas rapaz, não estou entendendo... é cruel! **Sr. Nilson Pereira**, Comunidade de São Francisco

Eu queria vim pra cá pra criar galinha, criar porco, criar carneiro, mas não pode! Mas não pode mais tirar um pau pra montar uma barraca pra criar as coisas! E queria que fosse fácil aqui pra mim também, que é no barrancão aí, eu queria também que corresse a luz pra puxar água. **Sr. Tereza Araújo**, comunidade São Francisco do Tabocal

Eu sou um dos moradores mais novo aqui, eu comprei um terreno aqui na entrada da boca do Guajará, agora uma coisa que a gente não tinha certeza disso, eu comprei esse terreno, em cartório, esse terreno esse documento custa cinco mil metros, mas o pique do Exército passa três mil metros, e aí a gente deu entrada na Defensoria Pública, ela mandou pro ITEAM, o ITEAM veio e fez a medida, aí o ITEAM mandou a resposta que, não era da competência deles, voltou pra Defensoria Pública, a Defensoria Pública, acho que pro INCRA aí eu acho que é de lá, deram resposta pra gente, que esse terreno tem título! Tem título dado a 112 anos atrás, e muitos os moradores daqui não sabem! E esse terreno tem título! **Sr. Edson Carvalho**, comunidade São Francisco do Tabocal

O maior problema nosso aqui é a energia! Nós não temos diversos tipos de coisas, por causa de luz, então se por causa de energia nós não temos nada, e é o senhor Exército perturbando numa área que não é praticamente nada dele, porque isso são muitos e muitos anos como muita gente aqui sabe, tem um senhor aqui, tem muitas pessoas que sabe aqui, muito melhor do que eu que tô com 53 anos, moro em cima dum lote de terra ali, há 46 anos por aí, construí minha família aqui! E hoje em dia você se vê pressionado com esse tipo de coisa aqui, realmente assusta não só a mim, mas como todas as comunidades.

A energia é um ponto fundamental pra todos nós sabe por quê? Porque a gente precisa da energia! **Sr. Joaquim da Silva**, Comunidade de São Raimundo

Eu espero que o governo ajude a população, os ribeirinhos que a gente precisa demais e eu acho que não é certo, eles fazem a mata deles e a área é deles e não existe ninguém. (...) O pessoal do INCRA mesmo chegaram a falar pra nós que ninguém era dono de nada que ninguém nunca ia poder tirar documento aqui nessa área aqui, não ia poder tirar um título definitivo nada, a gente podia tirar num assentamento lá que estava sendo liberado pelo governo federal, mas aqui ninguém nunca podia conseguir. **Sr. Pedro Rodrigues**, Comunidade do São Raimundo

Meu nome é Maria Mavel Frazão da Silva, filha de Antenor de Oliveira Frazão e Francisca Siqueira Frazão, o nosso terreno é o Nova Esperança, nós somos doze herdeiros, nós estamos nessa luta desde que o Exército começou a perseguir em 1970, (...) nós temos o documento da terra, mas nós éramos impedidas de entrar lá. **Maria Mavel Frazão da Silva**, Comunidade Jatuarana

O meu pai é Manoel Meireles Neves, a minha mãe é Maria Galdina Neves da Silva e eu sou Domingos Meireles Neves da Silva, eu nasci em 1971 estou com quarenta anos, em 2007 o Sr. Manoel Meireles passou os documentos de nossa terra tudo em meu nome, hoje estou com a parte fundiária toda organizada com os impostos pagos, eu vivo lá na nossa propriedade, lá nós vivemos de roça, de criação de carneiro e cabra. E hoje o Exército está querendo tomar as nossas terras, nós vamos para a justiça com eles para não perdermos o que nós temos, foi o que o meu pai conseguiu todo esse tempo trabalhando com minha mãe pra deixar pra gente, pra vir o Exército e tomar o que é nosso! **Domingos Meireles Neves da Silva**, comunidade Jatuarana

Meu nome é Linete da Silva, sou da comunidade do Mainã eu queria falar que durante uma reunião na comunidade com o coronel, foi levantado a discussão da energia, uma vez que as comunidades já tinham conseguido o direito de permanecer nas áreas, por que a energia ainda não tinha vindo? E ele deixou bem claro que o general já havia enviado um documento proibindo, vetando a passagem do Projeto do Luz para Todos para as comunidades, por motivo de algumas comunidades na margem do rio já haviam colocado postes de energia e quando eles descobriram isso, o general enviou um documento vetando o Projeto, então a gente fica triste de saber que eles estão proibindo a gente de desfrutar dos nossos próprios direitos. **Linete da Silva**, Comunidade do Mainã



Equipes de levantamento dos pontos de GPS da comunidade de Mainã e Jatuarana



Fazendo os croquis, a representação de seu território

Quando tem algum progresso pra vir para a comunidade, eles tomam a frente e não deixam chegar esse progresso, eles alegam que a comunidade a área dela pertence a eles. Então nós estamos agora lutando, procurando, saber para buscar os nossos direitos, porque lá nós vivemos desde 1903 que nós temos o título que apresentamos agora, e agora nós queremos saber a verdade, como é que fica a situação desse povo? E agora eles querem nos tirar de qualquer jeito e mesmo se nós ficarmos, vamos ficar somente com o lugar da casa, o lugar da roça, e vamos ficar lá como se diz, extremamente vigiados por eles, não podemos fazer casa, fazer canoa, fazer uma roça maior, e a gente pede às autoridades competentes que por favor nos ajude. **Sr. Doramir Cunha**, comunidade do Jatuarana



Comunidade do Mainã



Sra Tereza mostrando documento de pescadora

CONTATO

Associação Comunitária do Mainã
Escola Municipal
92. 9198-5108, 9193- 9012, 9198-0782

Associação dos moradores e amigos
da comunidade rural de Jatuarana
92. 9105-3899, 3245-1353

Posto de Saúde
telefone 9152-7822
CEVASC

Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia

Série: Movimentos Sociais, Identidade Coletiva e Conflitos

- 1 Quebradeiras de coco babaçu do Piauí
- 2 Quebradeiras de coco babaçu do Mearim
- 3 Quebradeiras de coco babaçu do Tocantins
- 4 Quebradeiras de coco babaçu da Baixada Maranhense
- 5 Quebradeiras de coco babaçu do Pará
- 6 Quebradeiras de coco babaçu de Imperatriz
- 7 Quilombolas da ilha de Marajó
- 8 Quilombolas do Maranhão
- 9 Quilombolas de Codó, Peritoró e Lima Campos
- 10 Quilombolas atingidos pela Base Espacial de Alcântara
- 11 Quilombolas de Bujaru e Concórdia
- 12 Mulheres do arumã do Baixo Rio Negro
- 13 Grupo TucumArte – Artesanato de Tucumã
- 14 Quebradeiras de Coco do Quilombo de Enseada da Mata – Bairro Novo
- 15 Quilombolas do Tambor, Parque Nacional do Jauú Novo Airão, Amazonas
- 16 Ribeirinhos da região do Zé Açú, Amazonas
- 17 Piaçabeiros do Rio Aracá Barcelos, Amazonas
- 18 Mulheres artesãs – Indígenas e Ribeirinhas de Barcelos, Amazonas
- 19 Quilombolas de Coelho Neto, Maranhão
- 20 Ribeirinhas da Várzea do Parauá e Costa do Canabuoca – Manacapuru, Amazonas
- 21 Movimento das peconheiras e peconheiros da ilha de Itacoãzinho, Igarapé Caixão e Igarapé Genipaúba – Baixo Acará, Pará
- 22 Ribeirinhos e agricultores do Lago do Cururu – Manacapuru, Amazonas
- 23 Movimentos ribeirinhos e indígenas em defesa dos lagos e da vida do setor 01 Caité – Tonantins, Amazonas
- 24 Povos do Aproaga – São Domingos do Capim
- 25 Luta dos quilombolas pelo título definitivo – Oficinas de Consulta – Alcântara – MA
- 26 Trabalhadores agroextrativistas da reserva extrativista de Ciriaco – Realidades e desafios
- 27 A luta das quebradeiras de coco babaçu contra o carvão do coco inteiro – Bico do Papagaio
- 28 Mulheres quebradeiras na defesa do babaçu contras as carvoarias – Médio Mearim, Maranhão
- 29 Uso de recursos naturais em comunidades quilombolas de Santarém – Pará
- 30 Ribeirinhos e ribeirinhas de Abaetetuba e sua diversidade cultural – Pará
- 31 Kuntanawa do Alto Rio Tejo – Alto Juruá, Acre
- 32 Ribeirinhos, extrativistas e agricultores da Associação das Comunidades do Lago do Antonio – Humaitá, AM
- 33 Comunidades extrativistas da Resex Ituxi – Lábrea, AM
- 34 Quilombolas de Santa Fé – Costa Marques, RO
- 35 Comunidades Tradicionais de Democracia, Jatuarana, Pandegal, Santa Eva e Terra Preta do Ramal 464 – Manicoré, AM
- 36 Quilombolas, Agricultores(as), Quebradeiras de coco, Pescadores do Território de Formoso Penalva, MA
- 37 Pescadores e Pescadoras, Agricultores e Agricultoras do Lago do Puraquequara e Jatuarana – Manaus, Amazonas

REALIZAÇÃO

Associação Comunitária do Mainã
Associação dos moradores e amigos da comunidade rural de Jatuarana

APOIO

Comissão Pastoral da Terra – Manaus
Cáritas Arquidiocesana de Manaus
Comunidade São Francisco do Tabocal
Comunidade São Raimundo
Comunidade do Tiririca
Centro de Valorização na arte do social e cultural – CEVASC

